

Educação Estrangeiros buscam escolas no País

GAZETA MERCANTIL

24 AGO 1998

Filhos de executivos acirram a disputa por vagas em instituições internacionais

Andréa Háfes
de São Paulo

Na bagagem das empresas estrangeiras que vêm para o Brasil a fim de desenvolverem projetos em setores estratégicos, como energia, telecomunicações e financeiro, chegam, além dos próprios executivos expatriados, os seus filhos. Crescem os investimentos externos na economia brasileira e aumenta a demanda por escolas internacionais no País. Mas, ao contrário dos valores injetados no mercado interno, que só em 1996 e 1997 ultrapassaram US\$ 27 bilhões, as instituições de ensino internacionais não estão ampliando o número de vagas para estudantes filhos de expatriados.

Além dos US\$ 2 bilhões de investimentos no setor de energia brasileiro, a americana Enron Serviços do Brasil, trouxe 10 expatriados com filhos. Segundo o gerente de recursos humanos da Enron, Disneu Santiago, seis deles já conseguiram garantir aqui a continuidade dos estudos de seus filhos em escolas americanas. "Os outros estão com maior dificuldade, pois chegaram depois do início do ano letivo", explica. Nas escolas que seguem o currículo americano, como a Graded School e a Chapel School, o ano letivo teve início em agosto.

Independente da data, essas escolas reconhecem o aumento da procura por vagas nos últimos quatro anos. "Com a entrada de novas empresas, principalmente no setor de bancos, telecomunicações e energia, ou mesmo a ampliação dos negócios já existentes, cresceu o número de famílias estrangeiras no País", afirma a diretora de admissão da Graded School, Heidi Gonçalves. A grande parte, segundo ela, são filhos de executivos expatriados americanos. Segundo dados do Ministério do Trabalho, entre 1993 e 1997, vieram para o Brasil 3.609 americanos para trabalhar, o equivalente a 14,74% do total de 24.503 estrangeiros "importados" nesse período.

A Associação Escola Graduada de São Paulo, nome oficial da Graded School, foi fundada em 1920 por iniciativa da própria Câmara de Comércio Americana e empresas multinacionais. Hoje, a escola tem 1.180 alunos na faixa etária entre dois e 17 anos. Desses, 38% são de origem americana, 22% vêm de outros países, e 40% são brasileiros. No último período de matrícula, foram 480 interessados, mas só havia vagas para cerca de 200 alunos. "A abertura de vagas depende muito da desistência de alunos que estão frequentando o curso", diz Heide.

Segundo a diretora, a escola não tem intenção de ampliar o número de vagas. "Não temos espaço físico e não queremos aumentar o número de alunos por sala de aula". Segundo ela, a maioria das escolas americanas, que normalmente são procuradas pelos expatriados, estão com seus quadros de alunos completos.

"A solução seria a criação de novas escolas". No entanto, há o receio de investir nessa área, pois, segundo Heide, da mesma forma que a procura cresceu com o ingresso de investimentos estrangeiros no País, ela pode cair. "Se mudar a situação político-econômica, o número de estrangeiros também pode se reduzir".

Ela lembra que, em 1990, com o Plano Collor, houve uma "fuga" de estudantes, que deixou a escola com apenas 800 alunos.

O corpo discente da Chapel School saltou dos 660, em 1994, para os atuais 700. Mas o número poderia ser maior, se for considerado que, no último período de matrícula, 150 pessoas tentaram uma vaga e apenas 90 conseguiram. "Dos filhos de expatriados somente 30 ficaram sem vaga", explica Vera Prado, relações públicas da Chapel. O restante eram filhos de brasileiros. Longe de qualquer discriminação, ela explica que é dada prioridade aos filhos de estrangeiros, principalmente para va-

gas em séries intermediárias do curso, pois esses não têm a alternativa de estudar em escolas brasileiras. No quadro total de alunos, 48% são brasileiros, 24% são americanos e o restante oriundos de outros países.

"De quatro anos para cá, os brasileiros estão sendo admitidos no início do curso", diz Vera. Tanto que, do total das 30 vagas usualmente abertas para a pré-escola, 70% ficam com os brasileiros. A maior procura por escolas internacionais por pais brasileiros, segundo ela, também é um reflexo econômico. "Hoje, há a preocupação de dar uma educação que resulte em mais opções no futuro", diz. O ensino na lín-

gua inglesa, segundo ela, abre as portas para o ingresso em outros países. De acordo com Vera, metade dos formados pela Chapel faz faculdade no Brasil; a outra volta para os Estados Unidos.

Os sinais da globalização no ensino também ficam evidentes na Escola Americana de Campinas. Fundada há 41 anos por várias multinacionais e voltada principalmente para filhos de expatriados, hoje, dos 435 alunos, 63% são brasileiros. "Só no último ano a participação dos brasileiros cresceu em 3%", diz Sumaia R. Vieira, responsável pela área de admissão e marketing da instituição. Ela mesma tem suas duas filhas, desde 1989, na Escola Americana de Campinas. "Além de proporcionar um bom preparo para as faculdades brasileiras, o ensino em escolas internacionais dá novas oportunidades", diz.

Mas, ao contrário do que ocorre na Chapel e na Graded School, onde cresceu o número de filhos de expatriados americanos, na Escola Americana de Campinas, destacam-se os suecos. Não à toa, os descendentes dos "Vikings" invadiram o interior de São Paulo com a instalação da empresa que opera na área de telefonia celular da Banda B, a sueca Tess. Neste último ano, de acordo com Sumaia, o número de filhos de suecos cresceu também 3%, enquanto os americanos reduziram a participação de 20% para 15%.

